

190		47	
			1

Herança cultural perdida no culto

EDVANILDO LOBO

Da Aldeia Mapuera, em Oriximiná

O Brasil dos 500 anos tem índios dizendo aleluia. Eles são os nativos da tribo Wai-Wai, da aldeia Mapuera, no município de Oriximiná, no oeste do Pará. Doutrinados por missionários norte-americanos, em plena selva amazônica, os nativos da tribo Wai-Wai, com cerca de 1.300 habitantes, são, em sua maioria, evangélicos.

Tudo começou há aproximados 50 anos, quando houve o primeiro contato do povo Wai-Wai com os princípios religiosos que norteiam a maioria da população dos Estados Unidos. Foi por meio do missionário Robert Hawken, que hoje mora nos EUA. Ele é o responsável pela tradução da Bíblia Sagrada para o dialeto Wai-Wai, incorporando-a ao seio da comunidade.

A inserção na aldeia Mapuera do culto à palavra de Jesus Cristo, em vertente estrangeira, tem despertado a atenção de estudiosos e pesquisadores. Segundo estes, a adoção do protestantismo tem descaracterizado a cultura de valores dos Wai-Wai. "É uma pena constatar que toda a tradição da tribo está adormecida", diz o indigenista Juscelino do Carmo Bessa, da Fundação Nacional do Índio em Belém (Funai).

Profundo conhecedor dos costumes da aldeia Mapuera, Juscelino embasa o seu argumento, explicando que hábitos foram abolidos pelos índios, depois de terem sido eles apresentados às escrituras bíblicas, na visão do dominador externo. "A

pajela nça (adoração ao pajé da tribo) não existe mais", revela o indigenista. De acordo com Juscelino, a alteração também provocou a exclusão, no dia-a-dia dos Wai-Wai, da frequência do uso de cocares, ingestão do caxiri (bebida própria dos índios), uso de máscaras, pinturas nos corpos e cabelos longos, por exemplo. Nos dias atuais, mantêm cabelos curtos. Apenas em ocasiões especiais, como festejos, chegam a usar cocares, e ensaiar alguns traços coloridos em seus corpos. Conforme o indigenista, o povo da nação Wai-Wai adquiriu ares e trejeitos de "brancos" das cidades, modificou-se e desprezou os rituais que alimentavam espíritos há centenas de anos.



Julia Champlin

O maior espelho deste quadro de transformação está no próprio cacique da tribo, Pharoá Wai-Wai. Ele é o retrato fiel do seu povo. Veste-se que nem gente "civilizada" e aprendeu a ser um articulador político elogiado. Na avaliação do administrador regional executivo da Funai em Belém, Frederico de Miranda Oliveira, ele é um grande negociador. Cacique-pastor, é quem comanda os cultos às quartas-feiras e domingos, na igreja da aldeia. Prega, através do dialeto Wai-Wai, a palavra de Cristo Salvador, e não foge à risca os ensinamentos da Missão Evangélica, que aportou em suas terras. Mudou conceitos e, nos dias de hoje, classifica de "coisa do demônio" o que antes era sagrado: o caxiri.

Em verdade, não restam dúvidas de que a Missão Evangélica influenciou diretamente os Wai-Wai. Atualmente ela está sob a coordenação do casal Carlos e Júlia Champlin, de 41 e 38 anos, respectivamente. Eles chegaram à aldeia Mapuera com os filhos, há dois anos, vindos de uma localidade nas proximidades de Chicago. Os dois atuam de forma decisiva na formação intelectual do povoado indígena. Júlia desenvolve um trabalho de educação bilíngüe, ensinando a Bíblia em português para as crianças, e Carlos leciona matemática. "Dou ainda cursos para professores da aldeia, para melhorar a qualidade do ensino, e estamos aqui porque Deus nos chamou", diz a norte-americana. Ela esclareceu que a família foi convidada a morar na reserva pelo próprio cacique Pharoá.

Questionado sobre a descaracterização da cultura da nação Wai-Wai, Carlos opinou: "O que descaracteriza são as más influências como o álcool, mas o evangelho de Jesus Cristo traz esperança, e a verdade é que culturas estão em transição". O fato é que se não fossem influenciados e não radicalizassem o processo poderiam, ao menos, conforme o indigenista Juscelino Bessa, ser evangélicos mas manter a originalidade, como os membros da tribo Wayana Apalai, que se dizem protestantes mas continuam com suas festas e tradições vivas. E não descartaram as sensuais tangas vermelhas, uma das marcas desse povo.



FOTOS: CARLOS SILVA

A maioria dos cerca de 1.300 índios Wai-Wai é evangélica. As crianças recebem influência dos evangelizadores desde cedo, há cerca de 50 anos.



Os hábitos peculiares dos índios ficam reservados às festas que acontecem anualmente

Infra-estrutura ainda é carente

Os índios evangélicos da tribo Wai-Wai habitam uma área de difícil acesso, encravada na selva amazônica, às margens do rio Mapuera. Em linha reta, ela fica a 350 quilômetros do município de Oriximiná. De Belém são 1.500 quilômetros, e de Santarém, 150. A ida até lá só ocorre por via fluvial, mas com restrições de navegação em algumas épocas do ano, em razão do baixo nível das águas do rio. Outra maneira de se chegar à aldeia é por meio de empresas de táxi-aéreo. Existe no lugarejo uma pista em grama em boas condições de aterrissagem, que permite a operação de aviões do porte bimotor, estilo "Búfalo", da Força Aérea Brasileira (FAB).

A aldeia Mapuera está inserida na reserva indígena de Nhamundá-Mapuera, que abrange uma área de 1.049.520 hectares de terra, incluindo parte dos municípios de Oriximiná e Faro, no Pará (845.400 hectares), e São João de Baliza, Nhamundá e Uruará, no Amazonas, com 204.120 hectares de extensão demográfica. Inserem-se também na área Nhamundá-Mapuera as tribos Tyrió, Xerú, Katuena, Manayana, Waptxana e Hixkarriana.

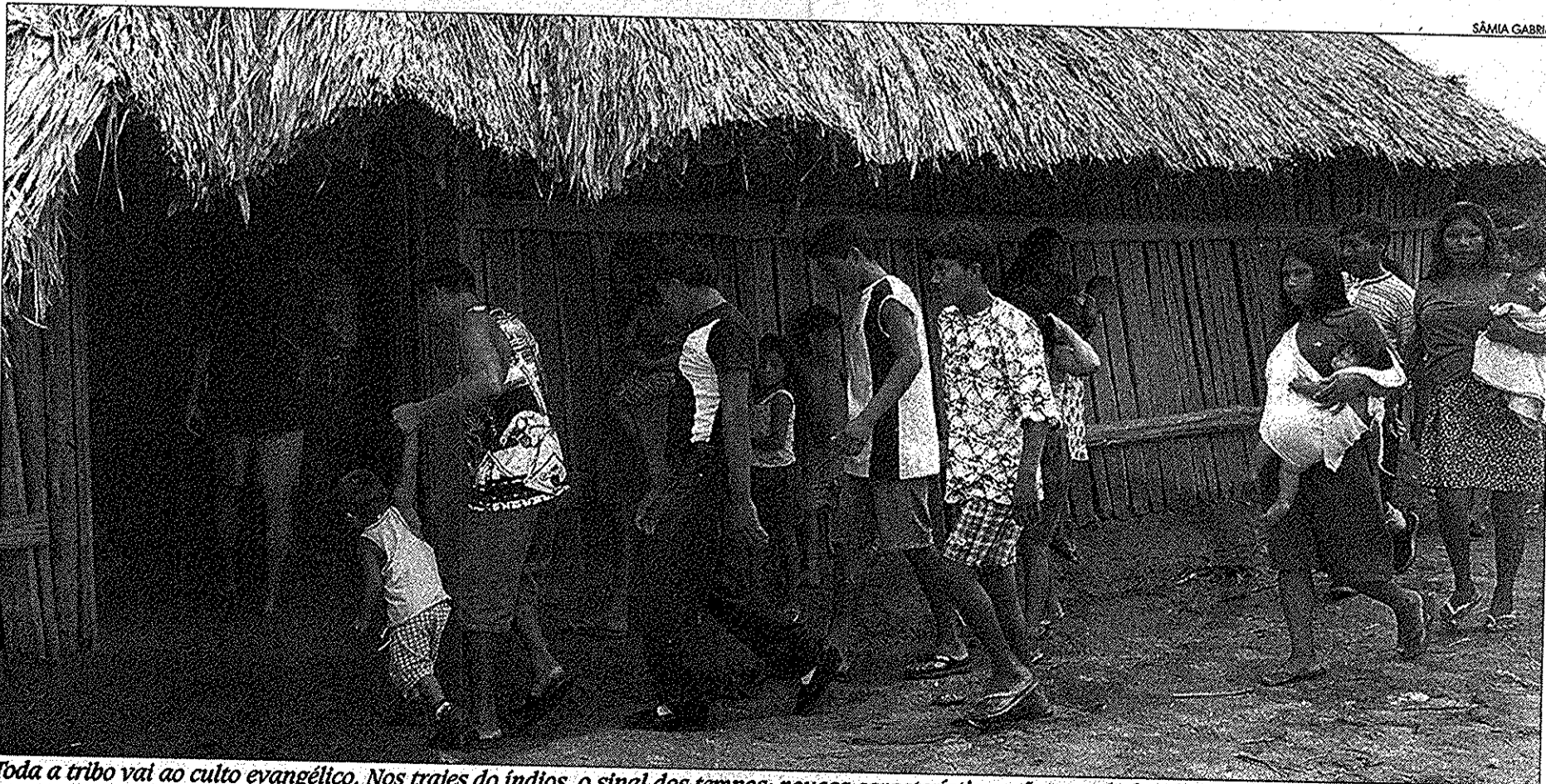
Por se tratar de um lugar isolado dentro da mata amazônica, a aldeia Mapuera é considerada, de certa forma, uma aldeia equipada. Dispõe de alguns serviços essenciais: um gerador de energia elétrica a diesel de 30 Kva, ativado sempre à noite; um sistema de abastecimento de água tratada, através de uma rede de distribuição de 1.840 metros, alimentando 20 torneiras; um sistema de radiofonia; dois telefones de uso público via satélite; e ca-

sas pré-fabricadas de madeira pertencentes à Funai e aos missionários norte-americanos, além das tradicionais ocas. A região possui uma diferença de fuso horário de 1 hora a menos em relação a Brasília.

Apesar das últimas conquistas da comunidade indígena (telefone público e água tratada), ela também precisa, na avaliação do administrador executivo regional da Funai em Belém, Frederico de Miranda Oliveira, ver atendidas outras necessidades básicas, entre as quais a melhoria da infra-estrutura da enfermaria e a construção de pelo menos mais uma escola. Uma outra preocupação dos técnicos da Funai e lideranças indígenas diz respeito à carência de alimentos que os índios podem enfrentar no futuro, em função da grande concentração de pessoas em uma só aldeia.

"É um problema que teremos que resolver o quanto antes. Uma das soluções é criar novas aldeias em outros pontos da reserva Nhamunda-Mapuera, mas a Funai não dispõe de recursos para dotar de infra-estrutura as novas aldeias para atender às necessidades básicas dos índios", informa Frederico.

Segundo ele, uma das alternativas encontradas pela unidade do órgão indigenista em Belém para minimizar esta carência de recursos são as parcerias com organizações não-governamentais, governo do Estado e prefeituras municipais, o que já tem surtido um certo efeito positivo na população de aproximadamente 16 mil índios distribuídos pelas reservas indígenas Alto Rio Guamá, Turé Mariquita, Tembó do Igarapé-Miri e Nhamunda-Mapuera.



SÁMIA GABRIEL

Toda a tribo vai ao culto evangélico. Nos trajes dos índios, o sinal dos tempos: poucas características são guardadas da cultura tradicional dos Wai-Wai